

## O ENSINO DE PRESERVAÇÃO NOS CURSOS BRASILEIROS DE ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA, MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Bruno Ferreira Leite

 <http://lattes.cnpq.br/7651879454100300> –  <https://orcid.org/0000-0001-5678-0024>  
[brunofi.arquivo@gmail.com](mailto:brunofi.arquivo@gmail.com)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Angelica Alves da Cunha Marques

 <http://lattes.cnpq.br/2413567691663920> –  <https://orcid.org/0000-0003-4642-5912>  
[prof.angelicamarques@gmail.com](mailto:prof.angelicamarques@gmail.com)

Universidade de Brasília (UnB)  
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares

 <http://lattes.cnpq.br/1640690518235989> –  <https://orcid.org/0000-0003-3456-7710>  
[kukasoes36@gmail.com](mailto:kukasoes36@gmail.com)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

### RESUMO

Este artigo é resultante de parte da discussão realizada no âmbito de uma tese de doutorado, produzida e orientada pelas mesmas autorias deste texto. Tem como tema o ensino sobre preservação no Brasil. Seu objeto de análise são as ementas das disciplinas curriculares que tratam sobre preservação nos cursos brasileiros de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e de pós-graduação em Ciência da Informação (totalizando 129 currículos encontrados, que compõe o universo de análise da pesquisa). Objetiva analisar o que é, como é e para que fins a preservação é ensinada nesses cursos, visando refletir sobre a possibilidade de conteúdos comuns que os atualizem no âmbito da preservação, sem desconsiderar suas respectivas particularidades disciplinares. Possui abordagem teórico-metodológica quanti-qualitativa, ao ser desenvolvido mediante revisão de literatura, seguida de coleta de dados em registros institucionais, via Internet. Os resultados apontam para a relevância da conservação preventiva e da capilaridade da metodologia de gestão de riscos para o direcionamento do ensino de preservação, tendo em vista uma perspectiva preventiva, gerencial, holística e eficaz, e não restando dúvidas de que esta deva ser a tônica atual.

**Palavras-chave:** Ensino. Preservação. Arquivologia. Biblioteconomia. Museologia. Ciência da Informação.

### THE TEACHING OF PRESERVATION IN BRAZILIAN COURSES ON ARCHIVAL SCIENCE, LIBRARIANSHIP, MUSEOLOGY AND INFORMATION SCIENCE

#### ABSTRACT

This article is the result of part of the discussion held as part of a doctoral thesis, produced and supervised by the same authors of this text. Its theme is preservation education in Brazil. Its object of analysis are the curricular courses about preservation in Brazilian graduate courses in Archival Science, Librarianship, Museology, and post-graduate courses in Information Science (totalizing 129 curriculums found, which compose the universe of analysis of the research). It aims to analyze what preservation is, how it is and for what purposes it is teaching in these courses, in order to reflect on the possibility of common contents that update them in the field of preservation, without disregarding their respective disciplinary particularities. It has a quanti-qualitative theoretical-methodological approach, developed through a literature review, followed by data collection from institutional records, via Internet. The results point to the relevance of preventive conservation and the capillarity of the risk management methodology for the direction of preservation teaching, taking into account a preventive, managerial, holistic and effective perspective, and there is no doubt that this should be the current emphasis.

**Keywords:** Teaching. Preservation. Archival Science. Librarianship. Museology.

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/41900>

Recebido em: 23/11/2022.

Aceito em: 26/07/2024.

## 1 INTRODUÇÃO

Paulo Freire (1996) falava e escrevia sobre o poder transformador da educação, que não pode tudo, mas pode alguma coisa fundamental. Esse sentido, o de transformação das coisas, remete-nos à noção de campo científico de Pierre Bourdieu (2004), segundo a qual o campo é um espaço de disputas entre a conservação (*status quo*) e a transformação do próprio campo. Ele – o campo – é um espaço que funciona como um jogo com suas próprias regras, a sua lógica própria de funcionamento. Arelada a essa noção, o estudioso apresenta o *habitus*, como o elo histórico que define os fazeres e saberes dos agentes engajados no campo, bem como as fronteiras desse espaço a partir das possibilidades de reificação e transgressão (Bourdieu, 2004).

Embasados principalmente em tais autores, desenvolvemos uma tese de doutorado, na qual contemplamos uma análise das disputas internas do campo da preservação de bens culturais materiais móveis<sup>1</sup>, levando em conta os conteúdos a respeito, presentes e ausentes nas disciplinas curriculares dos cursos brasileiros de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, bem como nos de pós-graduação em Ciência da Informação.

Neste artigo, apresentamos um recorte da tese supramencionada, inicialmente com um breve panorama do ensino de preservação no âmbito internacional e no Brasil para, em seguida, analisarmos os dados coletados sobre: a) os currículos dos 129 cursos brasileiros ativos que compuseram o universo da pesquisa, coletados nas bases e-MEC<sup>2</sup> e Sucupira, e nos sites oficiais de cada um dos cursos e b) as 221 disciplinas curriculares sobre preservação (obrigatórias e não obrigatórias) dos seus currículos<sup>3</sup>.

Ao fim deste trabalho, fazemos algumas propostas de reflexão sobre a necessidade de atualização do ensino de preservação.

---

<sup>1</sup> A preservação, neste artigo, diz respeito aos bens culturais materiais móveis, analógicos e digitais, por representarem uma macrocaracterística dos objetos de estudo das quatro disciplinas, cada uma com suas particularidades em torno dos seus respectivos objetos.

<sup>2</sup> O Sistema e-MEC é como é nomeado o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, uma base de dados oficial dos cursos e Instituições de Educação Superior – IES, regulamentada pela Portaria Normativa nº 21, de 21/12/2017, do Ministério da Educação (2017).

<sup>3</sup> De acordo com os documentos encontrados nos sites de cada curso, entre 10 de outubro 2018 e 21 de janeiro de 2019, quando buscamos, nos títulos e nas ementas das disciplinas, pelas palavras "preservação", "conservação", "restauração" e "risco".

## 2 O ENSINO DE PRESERVAÇÃO

O reconhecimento da relevância da educação para a preservação dos patrimônios coletivos não é uma constatação nova. A Carta de Atenas de 1931 já servia, dentre outros aspectos, para registrar que:

[...]a melhor garantia de conservação de monumentos e obras de arte vem do respeito e do interesse dos próprios povos, considerando que esses sentimentos podem ser grandemente favorecidos por uma ação apropriada dos poderes públicos (Carta..., 1931, p. 4).

Diante dessa observação, indica

[...] que os educadores habituem a infância e a juventude a se absterem de danificar os monumentos, quaisquer que eles sejam, e lhes façam aumentar o interesse, de uma maneira geral, pela proteção dos testemunhos de toda a civilização (Carta..., 1931, p. 4).

No cenário internacional, podemos destacar a atuação do *International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property* (ICCROM), criado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)<sup>4</sup> em 1956, desenvolvendo trabalhos no âmbito da pesquisa, consultoria e treinamento para preservação dos mais diversos tipos de bens culturais.

A partir da década de 1970, o *Northeast Document Conservation Center* (NEDCC) promove pesquisas, seminários, produções técnicas e ajuda em casos de desastre. Um de seus cursos mais significativos iniciou-se em 1981, voltado para a administração da conservação. A instituição se tornou referência nacional e internacional para trabalhos de conservação e educação em preservação.

O programa de formação de restauradores profissionais do Chile, iniciado em 1984, mediante convênio entre direções de bibliotecas, arquivos, museus e a Pontifícia Universidade Católica do Chile, passou a oferecer programas distintos de integração e complementação para a formação de licenciados em Arte, com menção em restauração, visando ao aperfeiçoamento do corpo profissional do *Centro Nacional de Conservación y Restauración*.

No mesmo ano, a criação do *National Preservation Office* (NPO), na Divisão de referência da Biblioteca Britânica (*The British Library*) propiciou

---

<sup>4</sup> *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*.

relações com bibliotecas do Reino Unido, por meio de pesquisas, de atividades de conservação e, principalmente, do ensino/treinamento de conservação para bibliotecários e conservadores.

Nos Estados Unidos, foi criado o curso de mestrado em Administração da Preservação, na *University of Texas at Austin*, na *Graduate School of Library and Information Sciences*, depois transferido para a *Columbia University*, em 1992. O programa do curso forma conservadores e administradores da preservação.

Na Itália, pesquisas e treinamentos voltados para a conservação de materiais de bibliotecas e arquivos são realizados pelo *Istituto Centrale per la Patologia degli Archivi e del Libro* (ICPAL). Os programas de treinamento e cooperação da UNESCO, por sua vez, são voltados para a preparação e distribuição de materiais educativos acerca da preservação, para serem adaptados e utilizados em cursos (Gomes, 2000).

Em paralelo a tais iniciativas direcionadas ao ensino, muitos profissionais aprenderam a preservar por meio de práticas dentro das instituições de custódia de acervos, especialmente em arquivos, bibliotecas, museus, onde é mais evidente que a preservação de documentos é essencial (o que não significa que ela não seja importante nas demais organizações públicas, privadas e, inclusive, em nossas casas).

No caso do Brasil, muitos profissionais que buscavam se especializar em conservação e restauração durante os anos 1960, 1970 e 1980 – profissionais pioneiros para o desenvolvimento científico, das práticas e do ensino de preservação no Brasil – tinham, em comum, estágios e cursos no exterior (Castro, 2008). Segundo o autor, nesse período também houve a participação de especialistas estrangeiros como consultores e professores em cursos de curta duração no país, o que serviu para a disseminação de conceitos e preceitos estabelecidos em cartas patrimoniais e em recomendações internacionais sobre preservação, incluindo as perspectivas de instituições como a UNESCO, o ICCROM, o *International Council of Museums* (ICOM), o *International Council on Archives* (ICA), a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e a Fundação Ford. O autor lembra que o Brasil é um país de dimensões continentais e com diversidade geográfica e cultural, e tais fatores contribuíram para a heterogeneidade de linhas de

atuação no campo da preservação, diferentemente do que podemos observar em países europeus e norte-americanos, onde se podem identificar tendências para determinada “escola de preservação” (Castro, 2008, p. 148-149).

Dentre as repercussões de abordagens internacionais na formação do campo da preservação no Brasil, temos os laboratórios de conservação e restauração de papel, sobretudo a partir dos anos 1980. Nessa fase de cunho tecnicista – que gira em torno do final da década de 1970 até a de 1990 –, destacam-se as discussões sobre o diagnóstico do estado de conservação dos acervos e dos critérios, das técnicas e das metodologias aplicáveis à restauração de bens culturais deteriorados (Castro, 2008).

Tais direcionamentos abrangem o arsenal tecnológico, os equipamentos científicos, as instalações e os mobiliários específicos, o que nos sugere a construção de um *habitus* dos profissionais que atuavam no campo da preservação no Brasil, especialmente dos conservadores-restauradores. A sedimentação de perspectivas sobre os fazeres e os saberes no campo trouxe repercussões para o ensino de preservação, não somente para esses profissionais, mas também para outras formações, como as que estudamos neste trabalho.

Nesse contexto de influências internacionais, destacam-se as recomendações da UNESCO aos seus Estados-membros, especialmente por meio das publicações da Divisão do Programa de Gestão de Documentos e Arquivos, relativas ao *Records and Archives Management Programme* (RAMP/UNESCO), em convênio com o ICA, que estabeleceram os “princípios relativos ao planejamento e implantação de um programa para a conservação de documentos e livros em papel” (Castro, 2008, p. 135).

Algumas organizações brasileiras destacaram-se na promoção de pesquisas e no ensino de preservação, como: a Fundação Viate, que patrocinou projetos na área de ensino e pesquisa em conservação; a Associação Brasileira de Encadernação e Restauo (ABER), que desenvolveu, em parceria com a Escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial Theobaldo De Nigris, um curso sobre preservação de documentos gráficos, com aulas práticas em laboratório; a Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais (ABRACOR), que organizou eventos para

profissionais da área, cursos e estágios, além de conceder bolsas de estudo, que propiciaram a criação do Curso de Especialização em Conservação de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O curso foi implementado na década de 1980 e fez parte de um período fértil da conservação no Brasil, em especial no Rio de Janeiro (Carvalho, 2018; Gomes, 2000).

Além dessas instituições, a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) realizou congressos que contemplavam temáticas relativas à preservação e agregava profissionais interessados e atuantes no campo (Hannesch, 2013).

Tais iniciativas tiveram a participação de conservadores-restauradores, responsáveis pela promoção de boa parte delas. Embora esta pesquisa não abarque o ensino nos cursos de Conservação-Restauração, reconhecemos o papel fundamental desses agentes para as dinâmicas de (re)construção do campo da preservação, tanto no Brasil quanto no exterior, o que repercute nas práticas e no ensino de preservação em diversas disciplinas científicas.

Com relação à Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, verificamos em seus percursos históricos muitos movimentos que as aproximam, especialmente nos primeiros cursos dessas áreas no Brasil, fortemente influenciados por escolas francesas, mais especificamente pela *École Nationale des Chartes* (ENC) e pela *École du Louvre*. Há estudos e práticas que mantêm tais aproximações, assim como há outros que sedimentam especificidades e reconhecem as fronteiras entre tais disciplinas científicas, que representam as suas identidades disciplinares (Sá, 2013). Nesse sentido, destaca-se a ENC, que, segundo o mesmo autor, teve forte influência nos cursos ao redor do mundo, tornando-se referência na formação em patrimônio, não somente para os cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, como é normalmente reconhecido, como também para os cursos de Arqueologia, História da Arte e Museologia, inclusive os da *École du Louvre*.

No Brasil, destacamos que o currículo da ENC teve influência significativa nos primeiros cursos de Arquivologia – Diplomática, do Arquivo Nacional (AN) 1911–; Biblioteconomia – Biblioteca Nacional (BN) 1911 –; e Museologia – Curso técnico do Museu Histórico Nacional (MHN), em 1922, e Curso de museus, também do MHN, em 1932 (Sá, 2013).

Mais adiante, durante a institucionalização do ensino universitário dessas três áreas, podemos citar o papel do Curso Permanente de Arquivos (CPA), ministrado no AN (1960-1977); do curso de Biblioteconomia, ministrado na BN (1931-1969); e do Curso de Museus, ministrado no MHN (1932- atual). Tais cursos, após deixarem de ser oferecidos em suas respectivas instituições de origem, foram absorvidos pela Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (Fefierj), depois transformada em Universidade do Rio de Janeiro, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Eles foram, inclusive, de grande relevância para a implantação do Centro de Ciências Humanas e Sociais dessa universidade, o CCH.

No caso da Ciência da Informação, Pinheiro (2013) demarca a importância do atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que, em 1976, substituiu o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), fundado em 1954. Para ela, comparado a institutos semelhantes de outros países, o IBBB pode ser considerado um instituto de vanguarda para os estudos da área no Brasil.

A aproximação das quatro disciplinas científicas que analisamos na pesquisa, sob o ponto de vista do ensino e das práticas de preservação, pode ser constatada na atuação de instituições e agentes que as institucionalizaram.

No escopo da Arquivologia, algumas iniciativas de conservação do patrimônio arquivístico, até a primeira metade do século XIX, tiveram duas abordagens principais: a) a preocupação com a normatização da administração dos documentos públicos, significativamente representada pela criação dos Arquivos Nacionais, Centrais e Gerais e pela promulgação de leis que regulamentavam a eliminação ou o recolhimento de documentos públicos; e b) os estudos e as recomendações sobre a qualidade de materiais utilizados na produção de documentos, bem como orientações sobre a sua preservação (Hannesch, 2013). A autora pondera que a relação do princípio de respeito aos fundos<sup>5</sup> com a preservação, como um norteador

---

<sup>5</sup> De acordo com Camila Lima Souza (2012, p. 46), esse princípio “[...] relaciona-se com a obrigatoriedade de não mesclar conjuntos documentais arquivísticos (fundos) de origens diferentes, prevendo uma articulação do organismo produtor do documento com a função que este representa. Nesse sentido, a sua aplicação também colabora no entendimento do contexto funcional relacionado à gênese documental”.

metodológico de respeito à integridade dos fundos arquivísticos, colaborou para a preservação e a gestão administrativa dos arquivos.

Ela lembra que o livro *A Manual of Archive Administration, including the Problems of War Archives and Archive Making*, de Hilary Jenkinson (1922), foi o primeiro manual arquivístico a sugerir práticas de conservação, ao descrever vários aspectos da preservação. Ressalta, ainda, que nos manuais de Hilary Jenkinson (1922), Eugenio Casanova (1928) e Theodore Roosevelt Schellenberg (1974), assim como no manual holandês de arranjo e descrição de arquivos (Manual..., 1973; Muller; Feith; Fruin, 1898), o acondicionamento já era indicado como um aspecto da conservação da época, o que também pode ser verificado em eventos da Arquivologia realizados no final do século XIX e início do XX (Hannesch, 2013).

Os debates ocorridos no 2º Congresso Internacional de Arquivos, em 1953, contemplaram a criação de diretrizes para problemas comuns ao patrimônio arquivístico nos vários países-membros, especialmente sobre o tratamento de grandes massas documentais acumuladas e as transferências de acervos ocorridas na Europa (Hannesch, 2013).

No Brasil, a atuação da AAB e sua colaboração com a pesquisa e difusão de trabalhos sobre preservação agregaram diversos profissionais em seus congressos, em torno do tema. Vale ressaltar que durante o 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA), promovido pela associação em 1976, foi realizado o 1º Seminário de Conservação e Restauração de Documentos, que contou com profissionais brasileiros e do exterior atuantes no campo da preservação (Hannesch, 2013).

No âmbito da Biblioteconomia, o projeto da IFLA, com o apoio da UNESCO, em 1989, levantou as necessidades de treinamento em preservação em uma amostra representativa de cursos dessa área e da Arquivologia, em diferentes países. Os resultados publicados pela UNESCO no estudo *RAMP Review of training needs in preservation and conservation*, no mesmo ano, demonstraram em que proporção conteúdos sobre preservação estavam presentes no ensino das duas disciplinas científicas supracitadas (Beck, 2006).

No Brasil, conteúdos sobre conservação foram contemplados no currículo do curso de Biblioteconomia da BN, desde 1911, conforme análise dos programas das disciplinas de 1917, realizada por Weitzel (2009). A autora

identificou os seguintes assuntos: técnicas empregadas para conservação e restauração de diversos tipos de materiais como livros, moedas, estampas e pergaminhos; tipos de acondicionamento, como encadernação, montagem simples de estampas e em *passe-partout*<sup>6</sup>. Os conteúdos sobre preservação compuseram os programas das disciplinas Bibliografia, Iconografia e Numismática do referido curso (Azevedo, 2013).

Após a incorporação do curso da BN à Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (Fefieg), atual UNIRIO, os conteúdos sobre preservação continuaram a ser abordados em outras disciplinas, a saber: Organização e Administração de Bibliotecas (OAB), Formação e Desenvolvimento de Coleções (FDC) e História do Livro e das Bibliotecas. A disciplina Conservação era oferecida pela Escola de Arquivologia, como optativa, aos discentes de Biblioteconomia. Em 2010, a disciplina Políticas de Preservação em Acervos Bibliográficos (PPAB) passou a fazer parte da grade curricular das disciplinas oferecidas pelo Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (Azevedo, 2013), hoje Departamento de Biblioteconomia.

Castro (2008) lembra que os Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e Documentação foram espaços de discussão sobre conservação e restauração, a partir da década de 1960. E o Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), por sua vez, destacou-se, de acordo com Hannesch (2013), por disseminar conteúdos sobre conservação preventiva para bibliotecários e arquivistas.

Dois eventos mais recentes também relacionados à Biblioteconomia merecem destaque: o I Encontro sobre o Ensino de Preservação, realizado em 2001; e o II Encontro sobre o Ensino de Preservação: Biblioteconomia, Documentação e Preservação de Acervos de Memória, realizado no Rio de Janeiro, em 2011, com o objetivo de promover reflexões sobre a relevância do ensino de preservação como disciplina obrigatória nas áreas de Documentação e avaliar a ação do CPBA na disseminação do conhecimento a respeito (Encontro..., 2011, p. 1)<sup>7</sup>.

As relações da Museologia com a conservação também são antigas: esta surgiu no âmbito dos museus e aos poucos foi adquirindo autonomia,

---

<sup>6</sup> Peça de cartão recortado, formando uma moldura, para enquadrar e proteger desenhos, fotografias etc.

<sup>7</sup> As recomendações do encontro podem ser encontradas em: <https://abdf.org.br/sobre-abdf/noticias/item/855-recomendacoes-do-ii-encontro-sobre-o-ensino-de-preservacao>.

tendo hoje suas trajetórias próprias e muitas interfaces. As influências dos museus no ensino da conservação e da restauração no Brasil levaram à capacitação dos seus próprios conservadores-restauradores, preocupação registrada na grade do Curso de Museus, de 1932, do MHN. Esse curso, que pertence à Escola de Museologia da UNIRIO desde 1977, inicialmente formava conservadores de museus. Somente a partir da década de 1970 é que a denominação “conservador de museus” passou a ser substituída por museólogo e, dos anos 1960 e 1970, o Curso de Museologia – quando foi incorporado à Universidade – passou a inserir conteúdos de preservação em disciplinas com ênfase na conservação preventiva (Carvalho, 2018).

Na Ciência da Informação, estudos sobre diferentes aspectos da preservação foram realizados nos seus cursos brasileiros de pós-graduação, como os de Silva (1998), Gomes (2000), Elias (2002), Beck (2006), Zúñiga (2005), Hollós (2006; 2014), Ribeiro (2012) e Tavares (2014).

Levando-se em conta esse panorama das abordagens sobre a preservação, a conservação e a restauração nas disciplinas que compõem o nosso universo de análise, podemos citar as escolas norte-americanas e europeias como fortes referências internacionais para o ensino de preservação no Brasil. Dentre elas, destacamos a *Graduate School of Architecture, Planning and Preservation (GSAPP)*, da *Columbia University*, e a ENC, da *Université de recherche Paris Sciences et Lettres (PSL)*. Ambas mantêm formações voltadas para o campo da preservação, em seus cursos atuais, conforme quadro a seguir.

**Quadro 1** – Disciplinas sobre preservação na GSAPP e na ENC

<b>Universidade</b>	<b>Curso</b>	<b>Nível</b>	<b>Disciplina</b>
<b>Columbia University</b>	<i>Historic Preservation</i>	Mestrado (M.S.)	<i>Theory &amp; Practice of Historic Preservation e Preservation Planning &amp; Policy</i>
<b>Columbia University</b>	<i>Historic Preservation</i>	Doutorado (Ph.D.)	Currículo não encontrado no site.
<b>Université PSL</b>	<i>Archiviste paléographe</i>	Graduação	Disciplinas que contemplam conteúdos sobre preservação: <i>Histoire de l'art, Histoire du livre et des bibliothèques e Latin</i> .

**Fonte:** Autoria própria a partir dos dados encontrados em Columbia University (2020) e École Nationale des Chartes - PSL (2020).

Observam-se algumas diferenças entre o curso de mestrado norte-americano e o curso de graduação francês: no primeiro, fica explícito o foco na relação da preservação com a teoria e a prática, e com políticas e

planejamento para preservação; no segundo, os conteúdos sobre preservação estão intimamente ligados à perspectiva histórica, conforme explica Sá (2013, p. 37):

[...] como instituição de ensino superior, a *École Nationale des Chartes*, atualmente com um curso de quatro anos de duração, continua expedindo diploma de arquivista-paleógrafo e vários de seus egressos – os *chartistes*, como ainda são chamados seus alunos e ex-alunos – fizeram e fazem carreira como conservadores de patrimônio, atuando não somente em arquivos e bibliotecas, mas também em museus importantes da França.

Gomes (2000) e Beck (2006), duas pesquisadoras brasileiras, realizaram estudos sobre o ensino de preservação, que muito inspiraram as questões norteadoras da nossa pesquisa, ao investigá-lo nos cursos brasileiros de Arquivologia e Biblioteconomia. Ambos foram produzidas em Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, um da Universidade de Brasília (UnB) e o outro da Universidade Federal Fluminense (UFF), em convênio com o IBICT. É a partir de algumas de suas contribuições que analisamos o ensino de preservação no âmbito das disciplinas científicas contempladas na tese, conforme apresentamos a seguir.

### **3 O ENSINO DE PRESERVAÇÃO NA ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA, MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Tendo em vista aspectos comuns para o ensino de preservação nas disciplinas científicas que estudamos, apresentamos alguns apontamentos baseados em afirmações de Gomes (2000), Beck (2006), Manini (2013) e em algumas das recomendações do II Encontro sobre o Ensino de Preservação: Biblioteconomia, Documentação e Preservação de Acervos de Memória, realizado no Rio de Janeiro, em 2011. Em seguida, analisamos os dados sobre as disciplinas presentes nos currículos dos cursos que compõem o universo da nossa pesquisa, com o objetivo de propor reflexões sobre o ensino de preservação nos cursos supracitados.

Seguem, portanto, os apontamentos que consideramos mais relevantes para (re)pensarmos o ensino de preservação:

- A necessidade de se acompanhar o desenvolvimento tecnológico, que traz consigo novos desafios para a preservação (Gomes, 2000) e para o seu ensino.

- A importância do ensino para a atuação profissional, o que requer cooperação entre instituições e profissionais já formados, bem como a atualização do ensino de preservação para lidar com novos e antigos desafios (Gomes, 2000), trabalhando inter e/ou multidisciplinarmente para tratar sobre questões contemporâneas (Beck, 2006).
- O reconhecimento das contribuições que o campo recebe de outras disciplinas, como a Química e a Biologia (Gomes, 2000), incluindo as disciplinas científicas estudadas na tese.
- A legitimação do profissional conservador-restaurador como um agente fundamental para o campo da preservação (Gomes, 2000).
- O ensino de preservação que deve considerar os documentos analógicos e digitais (Gomes, 2000), com atenção à imprescindibilidade da preservação dos documentos digitais (Beck, 2006).
- A preservação no seu escopo gerencial (Beck, 2006).
- A necessidade de aprendizado contínuo (Beck, 2006).
- A relevância de uma visão holística do ensino de preservação (Beck, 2006).
- A obrigatoriedade do ensino da preservação como disciplina específica nos cursos de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e afins (Recomendações..., 2012);
- O fomento de aproximações entre os cursos de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e afins e a pós-graduação, estimulando a articulação do ensino e da pesquisa em preservação (Recomendações..., 2012);
- O foco do ensino da preservação na gestão e na curadoria de acervos e não no ensino orientado para ações intervencionistas (Recomendações..., 2012);
- O favorecimento no ensino da preservação de conteúdos sobre segurança de acervos e educação patrimonial, enfatizando, sempre, a ação preventiva (Recomendações..., 2012);

- E a importância de estarmos atentos e refletirmos sobre novas demandas para o ensino (Manini, 2013), (re)construindo *habitus*.

Diante dessas observações, verificamos que a preservação não se resume a um conjunto de medidas técnicas e envolve questões políticas, identitárias, econômicas etc. circunscritas a dimensões socioculturais.

Com a finalidade de compreendermos um pouco do histórico e das transformações ocorridas no ensino de preservação nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, retomamos os estudos de Gomes (2000) e Beck (2006), para, em seguida, analisamos os dados acerca das 221 disciplinas curriculares obrigatórias e não obrigatórias – considerando-se os títulos e/ou ementas encontrados –, sobre preservação presentes nos currículos dos 129 cursos ativos Arquivologia (35), Biblioteconomia (67), Museologia (94) e Ciência da Informação (25).

Na Tabela 1, constam os dados sobre a presença (e a ausência) de disciplinas sobre preservação nos 129 cursos mapeados, além daqueles dos dois estudos anteriores supracitados.

**Tabela 1** – Disciplinas sobre preservação nos cursos brasileiros de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação.

Curso	Nº de cursos	Nº de cursos com dados encontrados	Oferece disciplina
Arquivologia (Gomes, 2000, p. 53)	6	6	6
Arquivologia (Beck, 2006, p. 71-73)	9	9	9
Arquivologia (2018) <sup>1</sup>	16	14	14
Biblioteconomia (Gomes, 2000, p. 53)	19	19	12
Biblioteconomia (Beck, 2006, p. 71-73)	34	34	10
Biblioteconomia (2018) <sup>2</sup>	55	44	34
Museologia (2019) <sup>3</sup>	21	15	15
Ciência da Informação (2019) <sup>4</sup>	37	31	12
<b>TOTAL (2018-2019)</b>	<b>129</b>	<b>104</b>	<b>75</b>

Notas: <sup>1</sup> Dados coletados em 2018 pelas autorias da pesquisa; <sup>2</sup> Dados coletados em 2018 pelas autorias da pesquisa; <sup>3</sup> Dados coletados em 2019 pelas autorias da pesquisa; <sup>4</sup> Dados coletados em 2019 pelas autorias da pesquisa.

**Fonte:** elaborada pelo autor (2022).

Esses números indicam a manutenção de disciplinas sobre preservação nos cursos de Arquivologia desde os anos 2000, nos quais todos os currículos – de 2018 – com dados encontrados contemplavam ao menos uma disciplina que abrangia o tema diretamente.

A proporção de disciplinas sobre preservação nos cursos de Biblioteconomia varia entre os anos 2000, 2006 e 2018, representando uma tendência de que os cursos voltaram a contemplar mais disciplinas a respeito, se compararmos com a queda verificada de 2000 para 2006 e analisada por Beck:

[...] o fator central é o impacto que as novas tecnologias vêm causando sobre o currículo dos cursos de Biblioteconomia, fazendo com que muitas disciplinas desapareçam para dar lugar a um novo conteúdo. Alguns cursos de Biblioteconomia mudaram a sua denominação para Ciência da Informação e outros foram encerrados, para dar lugar a um novo tipo de curso, o de Ciência da Computação. Surgem disciplinas com diferentes nomenclaturas como: "Tecnologia da Informação", "Gestão de Sistemas Informacionais", "Planejamento de Sistemas de Informação", "Produção de Documentos Eletrônicos" e ainda "Produção, Armazenamento, Conservação e Disseminação de Documentos Eletrônicos", entre outras. As grades curriculares destes cursos parecem atender, o que parece compreensível, a uma forte pressão do mercado de trabalho. Em sua maioria, entretanto, deixam de ter um compromisso com a questão da preservação, e isto é muito preocupante (Beck, 2006, p. 85-86).

Verifica-se a presença de disciplinas curriculares sobre preservação em todos os cursos de Museologia, o que reforça a relação histórica da Museologia com a preservação. Entretanto, nos cursos de Ciência da Informação, nota-se que disciplinas sobre preservação não são frequentes, o que coaduna com o apontamento anterior de Beck (2006).

Na Tabela 2, encontram-se os dados que categorizam a quantidade de disciplinas obrigatórias e não obrigatórias nos cursos.

**Tabela 2** – Disciplinas obrigatórias e não obrigatórias sobre preservação analisadas.

Curso	Total de disciplinas encontradas	Disciplinas		
		Obrigatória	Não Obrigatória	Categoria não identificada
<b>Arquivologia (2018)</b>	35 (em 14 cursos)	23	12	0
<b>Biblioteconomia (2018)</b>	67 (em 44 cursos)	41	25	1
<b>Museologia (2019)</b>	94 (em 15 cursos)	54	40	0
<b>Ciência da Informação (2019)</b>	25 (em 31 cursos)	1	20	4
<b>TOTAL</b>	221	119	97	5

Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Constata-se a diferença entre o perfil da graduação (três primeiros cursos) com o da pós-graduação (Ciência da Informação): neste último, há maior proporção de disciplinas optativas, o que nos remete à escassez de disciplinas obrigatórias sobre preservação e a necessidade de reflexões sobre

a preservação como base para o acesso aos documentos e às informações, que, por sua vez, é uma questão de pesquisa relevante para essa disciplina científica.

Nas próximas tabelas, são apresentados os dados levantados a partir dos títulos e das ementas das disciplinas sobre preservação, também considerada quando relacionada à metodologia de gestão de riscos.

**Tabela 3** – Conteúdos sobre preservação nos 14 cursos de Arquivologia

Conteúdo	Nº de cursos em que aparece	Frequência
<b>Preservação</b>	14	67
<b>Conservação</b> (englobando conservação preventiva ou conservação curativa)	12	30
<b>Conservação preventiva</b> (especificamente ou termo similar, como “preservação preventiva”, por exemplo)	8	10
<b>Restauração</b>	6	17
<b>Preservação digital e/ou curadoria digital</b>	10	32
<b>Gestão de riscos</b>	0	0
<b>TOTAL</b>	50	156

**Fonte:** elaborada pelo autor, conforme os títulos e/ou ementas das disciplinas (2022).

Foram analisados os títulos e/ou as ementas das disciplinas identificadas e somente os dados que evidenciavam o que procurávamos foram considerados. Assim, mesmo que uma disciplina, no momento do nosso levantamento, contemplasse o ensino de gestão de riscos, só a contabilizamos caso esse dado estivesse presente no seu título e/ou na sua ementa. Buscamos, desse modo, refletir sobre o papel das instituições em (re)pensar e atualizar seus currículos e não sobre a atuação de professores e professoras que, em muitos casos, atualizam os conteúdos ministrados nas disciplinas por conta própria, indo além das ementas oficiais.

Nota-se que os 14 cursos com dados encontrados contemplavam o termo preservação (geralmente entendido como hiperônimo da conservação e da restauração); 12 deles abordavam a conservação (em ao menos uma de suas abordagens: preventiva e/ou curativa), sendo que oito deles indicavam explicitamente a conservação preventiva; seis deles possuíam alguma abordagem sobre restauração (teórica e/ou prática); 10 abordavam de alguma forma a preservação de documentos digitais. Tais números representam um dado positivo para nossa investigação, visto que predominaram conteúdos sobre preservação nos cursos de Arquivologia, com destaque para a conservação preventiva e os documentos digitais.

Nenhum curso registrava oficialmente o ensino da metodologia de gestão de riscos, o que representa um dado negativo, tendo em vista a relevância desse instrumento metodológico para o planejamento e a administração da preservação, especialmente em sua dimensão preventiva.

**Tabela 4** – Conteúdos sobre preservação nos 44 cursos de Biblioteconomia

Conteúdo	Nº de cursos em que aparece	Frequência
<b>Preservação</b>	28	98
<b>Conservação</b> (englobando conservação preventiva ou conservação curativa)	27	63
<b>Conservação preventiva</b> (especificamente ou termo similar, como "preservação preventiva", por exemplo)	13	20
<b>Restauração</b>	11	24
<b>Preservação digital e/ou curadoria digital</b>	14	40
<b>Gestão de riscos</b>	1	1
<b>TOTAL</b>	94	246

**Fonte:** elaborada pelo autor, conforme os títulos e/ou ementas das disciplinas (2022).

Levando-se em conta os dados da Tabela 4, 28 dos 44 cursos contemplavam o termo preservação; 27 abordavam a conservação, sendo que apenas 13 dos 44 o faziam explicitamente sobre a conservação preventiva; 11 tinham alguma abordagem sobre restauração; somente 14 abordavam de alguma forma a preservação de documentos digitais e apenas um curso, o da Universidade Federal do Ceará (UFC), registrava oficialmente o ensino da metodologia de gestão de riscos. Tais números indicam um dado negativo, tendo em vista a relevância do ensino da conservação preventiva, da preservação digital e da gestão de riscos.

**Tabela 5** – Conteúdos sobre preservação nos 15 cursos de Museologia

Conteúdo	Nº de cursos em que aparece	Frequência
<b>Preservação</b>	13	51
<b>Conservação</b> (englobando conservação preventiva ou conservação curativa)	15	112
<b>Conservação preventiva</b> (especificamente ou termo similar, como "preservação preventiva", por exemplo)	9	31
<b>Restauração</b>	9	29
<b>Preservação digital e/ou curadoria digital</b>	2	2
<b>Gestão de riscos</b>	1	1
<b>TOTAL</b>	49	226

**Fonte:** elaborada pelo autor, conforme os títulos e/ou ementas das disciplinas.

Verifica-se que 13 dos 15 cursos com dados encontrados contemplavam o termo preservação; 15 deles abordavam a conservação, sendo que nove indicavam explicitamente a conservação preventiva e nove tinham alguma abordagem sobre restauração. Tais números apontam para um dado positivo, visto que predominaram conteúdos sobre preservação nos cursos de Museologia, com destaque para o espaço destinado ao termo conservação.

Por outro lado, apenas dois cursos mencionaram a preservação de documentos digitais – da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) –, e somente um curso registrava oficialmente o ensino da metodologia de gestão de riscos, o da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), remetendo-nos um dado negativo.

**Tabela 6** – Conteúdos sobre preservação nos 31 cursos de Ciência da Informação

Conteúdo	Nº de cursos em que aparece	Frequência
<b>Preservação</b>	12	54
<b>Conservação</b> (englobando conservação preventiva ou conservação curativa)	1	8
<b>Conservação preventiva</b> (especificamente ou termo similar, como “preservação preventiva”, por exemplo)	1	3
<b>Restauração</b>	1	3
<b>Preservação digital e/ou curadoria digital</b>	7	32
<b>Gestão de riscos</b>	2	2
<b>TOTAL</b>	24	102

**Fonte:** elaborada pelo autor, conforme os títulos e/ou ementas das disciplinas (2022).

Nesta tabela, observamos que 12 dos 31 cursos com dados encontrados contemplavam o termo preservação; apenas um abordava a conservação, sendo ele também o único que indicava explicitamente a conservação preventiva e que tinha alguma abordagem sobre restauração, o Mestrado Profissional em Memória e Acervos, do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos (PPGMA) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB); sete abordavam de alguma forma a preservação de documentos digitais e apenas dois cursos registravam oficialmente o ensino da metodologia de gestão de riscos, reiterando as preocupações já mencionadas, o Mestrado e o Doutorado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tais números representam um dado negativo e preocupante, visto que o ensino de



preservação – essencial para o acesso a documentos a longo prazo – não era contemplado nos currículos desses cursos.

Na Tabela 7, apresentamos os dados comparativos dos conteúdos sobre preservação nas disciplinas curriculares dos cursos analisados.

**Tabela 7** – Comparação entre os conteúdos sobre preservação nos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação

Cursos	Preservação	Conservação	Conservação preventiva	Restauração	Preservação digital e/ou curadoria digital	Gestão de riscos
<b>Arquivologia (14)</b>	14	12	8	6	10	0
<b>Biblioteconomia (44)</b>	28	27	13	11	14	1
<b>Museologia (15)</b>	13	15	9	9	2	1
<b>Ciência da Informação (31)</b>	12	1	1	1	7	2

**Fonte:** elaborada pelo autor, conforme os títulos e/ou ementas das disciplinas (2022).

Diante desses dados e com a finalidade de apresentar uma proposta de reflexão sobre a necessidade de atualização dos currículos dos cursos estudados, consideramos que:

- Há uma grande variedade de nomenclatura e de conteúdos nas disciplinas curriculares sobre preservação (Beck, 2006) ainda hoje, o que dificulta uma harmonização em torno do ensino de conteúdos básicos e fundamentais para o campo.
- Os currículos dos cursos representam um espaço de disputas, movimentado por relações de força que culminam na presença e na ausência de determinados conteúdos. Assim como afirmou Beck (2006), notamos equívocos no foco do ensino, a partir dos dados analisados, que indicam o ensino de práticas de conservação curativa e de restauração, levando-se em conta as limitações da carga horária das disciplinas. Conforme ressalta a autora, esse conteúdo ocupa o espaço essencial para a formação profissional de arquivistas e bibliotecários. Estendemos essa perspectiva aos museólogos e cientistas da informação, além de salientarmos a escassez de conteúdos sobre

preservação em cursos de mestrado e doutorado em Ciência da Informação.

- Há uma tendência à adoção das publicações do projeto CPBA como material didático, desde o trabalho de Gomes (2000), como observa Beck (2006).
- Pesquisas sobre o ensino de preservação são raras, assim como a frequente inobservância do papel fundamental da preservação, ou seja, de base para a gestão e para o acesso, o que tem reflexos nas práticas dos profissionais que atuam no campo (Beck, 2006).
- A formação de profissionais voltados e capacitados para trabalhar na administração da preservação exige dos educadores, em primeiro lugar, a compreensão dessa necessidade (Beck, 2006), que, evidentemente, deve alcançar as instituições de ensino, responsáveis pela atualização dos currículos a partir de suas instâncias competentes.
- A conservação preventiva e a preservação digital devem ser conteúdos contemplados no ensino de Arquivologia e Biblioteconomia (Beck, 2006), assim como no de Museologia e Ciência da Informação.
- Os professores e professoras devem estar atualizados e capacitados para o ensino da preservação (Beck, 2006), tendo como conteúdo essencial a preservação em suas dimensões preventiva e gerencial (que indicamos para todas as formações aqui estudadas).
- Os Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação precisam conferir mais atenção à preservação (Beck, 2006), ainda hoje.
- A importância da preservação do patrimônio público contemplada na educação de jovens e adultos pode favorecer um entendimento amplo sobre sua relevância para a vida em sociedade (Hollós, 2006).

- A educação pode ser um caminho para a superação de dilemas e desafios sobre preservação (Hollós, 2006), sejam desafios específicos ou não.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando alguns pontos importantes, verificamos que o ensino de preservação nos cursos brasileiros de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação encontra-se desalinhado a uma perspectiva holística, gerencial e preventiva que contemple a conservação preventiva aliada à gestão de riscos. Destacamos esta confirmação principalmente em relação à gestão de riscos, embora nossa análise tenha ocorrido exclusivamente com base nas ementas oficiais das disciplinas curriculares dos cursos analisados.

Assim como observado na introdução, outros fatores também devem ser abordados no ensino e nas práticas da preservação, tais como a atuação política, políticas que planejem a disponibilidade e o direcionamento de recursos, a educação patrimonial e a apropriação social do patrimônio público, a abertura para o diálogo inter e multidisciplinar, dentre outros.

Parece-nos também pertinente reforçar que uma das principais fontes de conhecimento, conscientização e (re)direcionamento de ações no campo da preservação são as instituições de ensino. Nesse sentido, lembremo-nos de Freire, novamente, com o potencial transformador da educação, e de Bourdieu, com as disputas inerentes ao campo científico. Ambos foram de suma importância para as reflexões que perpassaram a nossa pesquisa, especialmente na concepção do campo da preservação como um espaço de fazeres, saberes e poderes em constante disputas e transformações, evidenciadas nas presenças e ausências dos conteúdos curriculares sobre preservação dos cursos brasileiros estudados.

Considerando o exposto, ratificamos a relevância da conservação preventiva e da capilaridade da metodologia de gestão de riscos para o direcionamento do ensino e das práticas de preservação para uma perspectiva preventiva, gerencial, holística e eficaz. Não temos dúvidas de que essa deva ser a tônica atual e que esta é a essência da nossa proposta para as políticas e a administração da preservação, enquanto perspectiva de

ensino no campo, sem nos esquecermos de que para preservar a longo prazo, devemos pensar a longo prazo. A preservação deve ser pensada como um processo dinâmico e continuado, que envolve diferentes agentes, recursos, perspectivas, saberes e fazeres.

Ressaltamos, assim, a relevância e a complexidade do caráter ético da preservação, que envolve questões como a estética e a historicidade do bem preservado. Nesse sentido, compreendemos a importância deste olhar para a preservação, a fim de proporcionar a comunicação dos documentos ao longo do tempo, atentando para os atributos caros à sua contextualização. Em suma, a preservação apresenta-se como uma importante aliada do acesso à informação ao considerarmos o potencial dos documentos para promover efeitos informativos. Em outras palavras, a preservação é base e condição para o acesso à informação. Levando em conta estas reflexões, propomos que o ensino de preservação nos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação no Brasil:

- Seja atualizado com as diretrizes nacionais e internacionais que focalizam a prevenção e o planejamento da preservação (incluindo aquelas sobre ações responsivas: corretivas e de restauração/recuperação).
- Mantenha contato, para cooperação no ensino, com organizações públicas, privadas e com profissionais que atuam no campo da preservação.
- Leve em conta a importância do foco na administração da preservação, alinhando seus conteúdos a uma perspectiva holística, gerencial e preventiva, a partir da conservação preventiva alinhada à gestão de riscos.
- Considere a aplicabilidade do ensino de preservação em organizações públicas, privadas e no âmbito pessoal, inclusive como meio de reconhecimento e valorização do campo.
- Tenha clareza e critérios do que se pretende preservar, tendo em vista a manutenção dos bens culturais materiais móveis, comuns às quatro disciplinas científicas estudadas.
- Planeje e defina como cada disciplina científica se apropriará dos conteúdos essenciais para o ensino de preservação, a partir

das suas particularidades, para que essa apropriação também fique clara para os discentes.

- Tome conhecimento e consciência de que o ensino de preservação vai muito além de um conjunto de medidas técnicas, e que precisa ser realizado de forma reflexiva e crítica.
- Relacione a preservação ao direito ao acesso, à memória e à informação.
- Considere o campo da preservação como um espaço dinâmico, em contato com a realidade que o cerca e em constante (re)construção.
- Avalie os conteúdos das disciplinas dos cursos e, se julgar pertinente, as revise, a partir das instâncias competentes.
- Lembre-se de que a educação não pode tudo, mas pode promover transformações significativas.

Por fim, reiteramos que estas proposições devem alicerçar-se nos pressupostos da educação, conforme recomendado por Freire e propiciem transformações no campo da preservação, para nos referirmos novamente a Bourdieu, de maneira que (re)pensemos o ensino, considerando que: ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, materialização das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo, rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre as práticas, consciência do próprio inacabamento, de seus condicionamentos, respeito à autonomia do educando, humildade, tolerância, luta pelos direitos dos educadores e educadoras, esperança, convicção de que mudanças são possíveis, curiosidade, segurança, competência profissional, generosidade, comprometimento, compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade (não confundindo com ausência de autoridade), autoridade (diferente de autoritarismo), tomada consciente de decisões, reconhecimento de que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e o bem-querer dos educandos. De acordo com o estudioso, esses são alguns saberes necessários às práticas educativas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Da Biblioteca Nacional a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: traços do ensino de conservação na formação de bibliotecários. *In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO*, 2., 2013, São João del-Rei. **Anais...** São João del-Rei: PPGA, 2013.

BECK, Ingrid. **O ensino da preservação documental nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia**: perspectivas para formar um novo profissional. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARVALHO, Ana Paula Corrêa de. **O curso de especialização em Conservação de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da UFRJ**. 2018. 269 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2018.

CARTA de Atenas. Atenas: [s.n.], 1931. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

CASANOVA, Eugenio. **Archivística**. 2. ed. Siena: Stab. Arti Grafiche Lazzeri, 1928.

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. **A trajetória histórica da conservação-restauração de acervos em papel no Brasil**. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

COLUMBIA UNIVERSITY. **Graduate School of Architecture, Planning and Preservation**. New York: Columbia University. Disponível em: <https://www.arch.columbia.edu/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

ÉCOLE NATIONALE DES CHARTES –PSL. Paris: École Nationale des Chartes – PSL. Disponível em: <http://www.chartes.psl.eu/fr>. Acesso em: 24 nov. 2020.

ELIAS, Ísis Baldini. **Conservação e restauro de obras de arte em suporte de papel**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ENCONTRO sobre o ensino de preservação: Biblioteconomia, Documentação e Preservação de Acervos de memória na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011. (Programa). Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/743472/ii-encontro-sobre-o-ensino-de-preserva%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Neide Aparecida. **O ensino de conservação, preservação e restauração de acervos documentais no Brasil**. 2000. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2000.

HANNESCH, Ozana. **Patrimônio Arquivístico em Museus: reflexões sobre seleção e priorização em conservação-restauração de documentos em suporte papel**. 2013. 229 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2013.

HOLLÓS, Adriana Cox. **Entre o passado e o futuro: os limites e as possibilidades da preservação documental no Arquivo Nacional do Brasil**. 2006. 99 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

HOLLÓS, Adriana Cox. **O futuro da memória digital da administração pública federal brasileira**. 2014. 132 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

JENKINSON, Hilary. **A manual of archive administration**. Oxford: Claredon Press, 1922. Disponível em: <http://archive.org/details/manualofarchivea00jenkuoff>. Acesso: 17 dez. 2020.

MANINI, Miriam Paula. As ações de preservação nos arquivos brasileiros e o ensino de preservação nas universidades. In: OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de; OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de (org.). **Preservação, acesso, difusão: desafios para as instituições arquivísticas no século XXI**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013. v. 1. p. 121-131.

MANUAL de Arranjo e Descrição de Arquivos. 2. ed. Tradução: Manoel Adolpho Wanderley. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973. Disponível em:

[http://www.arquivonacional.gov.br/media/manual\\_dos\\_arquivistas.pdf](http://www.arquivonacional.gov.br/media/manual_dos_arquivistas.pdf).

Acesso em: 06 jun. 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO [MEC]. **Portaria nº 21, de 21 de dezembro de 2017**. Dispõe sobre o sistema e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior ? Cadastro e-MEC. Brasília (DF): MEC, 2017.

Disponível em: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/legislacao-arquivistica/portarias-federais/portaria-no-21-de-21-de-dezembro-de-2017>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MULLER, Samuel; FEITH, J. A.; FRUIN, Robert. **Handleiding voor het ordenen en beschrijven van archieven: ontworpen in opdracht van de Vereeniging van Archivarissen in Nederland**. Groningen: Erven B. van der Kamp, 1898.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Fronteiras e horizontes da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. In: ALBAGLI, Sarita. **Fronteiras da Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: IBICT, 2013. p. 7-33.

RECOMENDAÇÕES do II encontro sobre o ensino de preservação: Biblioteconomia, Documentação e Preservação de Acervos de Memória na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012. (Programa). Disponível em: <https://abdf.org.br/sobre-abdf/noticias/item/855-recomendacoes-do-ii-encontro-sobre-o-ensino-de-preservacao>. Acesso em: 02 abr. 2021.

RIBEIRO, Fanny do Couto. **Análise de risco: uma metodologia a serviço da preservação digital**. 2012. 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SÁ, Ivan Coelho de. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 2013.

SHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. **Algumas reflexões sobre a preservação de acervos em arquivos e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998.

SOUZA, Camila Lima. Princípios arquivísticos na literatura internacional e nacional: mapeamento do princípio da proveniência. **RICI: Revista Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 45-62, jul./dez. 2012.

TAVARES, Aureliana Lopes de Lacerda. **Análise de risco e preservação digital**: uma abordagem sistêmica na rede memorial Pernambuco. 2014. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

WEITZEL, Simone Rocha. Origem e fundamentos do processo de desenvolvimento de coleções no Brasil: estudo de caso da Biblioteca Nacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Ideia Editora, 2009. p. 1900-1919.

ZÚÑIGA, Solange Sette Garcia de. **Documentos como objeto de políticas públicas em preservação e o acesso à informação**: o caso das bibliotecas e arquivos. 2005. 267 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005.

## CONTRIBUIÇÕES DAS PESSOAS AUTORAS

Informa-se nesta seção as funções de cada pessoa autora, de acordo com a [taxonomia CRediT](#), conforme orienta a página da revista PCI:

Função	Definição
Conceituação	Bruno Ferreira Leite; Angelica Alves da Cunha Marques; Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares.
Curadoria de dados	Bruno Ferreira Leite.
Análise Formal	Bruno Ferreira Leite.
Obtenção de financiamento	—
Investigação	Bruno Ferreira Leite.
Metodologia	Bruno Ferreira Leite; Angelica Alves da Cunha Marques; Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares.
Administração do projeto	Bruno Ferreira Leite; Angelica Alves da Cunha Marques; Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares.
Recursos	—
Software	—
Supervisão	Angelica Alves da Cunha Marques.
Validação	—
Visualização [de dados (infográfico, fluxograma, tabela, gráfico)]	—
Escrita – primeira redação	Bruno Ferreira Leite.
Escrita – revisão e edição	Angelica Alves da Cunha Marques; Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares.